

A EMPATIA EM PROFESSORES NAS ATIVIDADES NEUROEDUCATIVAS EM CONTEXTO DE PANDEMIA COVID-19

Rosa Maria Pinto

Doutoranda em Estudos da Criança, CIEC, Instituto de Educação
Universidade do Minho, Braga, Portugal
pinto.araujo.rosamaria@gmail.com

Zélia Caçador Anastácio

CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho
Braga, Portugal
zeliac@ie.uminho.pt

Recepción Artículo: 22 abril 2022
Admisión Evaluación: 22 abril 2022
Informe Evaluador 1: 24 abril 2022
Informe Evaluador 2: 26 abril 2022
Aprobación Publicación: 27 abril 2022

RESUMO

A empatia é uma habilidade multidimensional que inclui as componentes cognitiva, afetiva e comportamental. O estudo da empatia com professores é bastante pertinente, porque se reconhece a esta dimensão da competência emocional o seu estatuto de estratégia emocional, cognitiva e interativa que permite o reconhecimento das perceções do outro, favorecendo a relação pedagógica professor-aluno e podendo ser determinante da qualidade do processo ensino/aprendizagem, sobretudo em circunstâncias de adversidade. O presente trabalho teve como objetivo perceber como funcionou a empatia na relação entre professores portugueses de 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) durante as atividades neuroeducativas, aquando do primeiro confinamento imposto pela pandemia de COVID-19. Para esta investigação foi realizada uma abordagem metodológica de caráter qualitativo e como técnica de recolha de dados foi realizado um *focus group* com uma amostra de conveniência de seis professores de uma escola de 1.º CEB, na região norte de Portugal. A discussão foi gravada e transcrita com o consentimento informado dos participantes. Posteriormente procedeu-se à análise de conteúdo dos dados recolhidos. A categoria de resposta que emergiu foi a empatia.

Os professores envolvidos nas atividades neuroeducativas em contexto de confinamento por COVID-19 demonstraram que os seus comportamentos e atitudes se tornaram mais empáticos no período de ensino à distância. Conclui-se que é necessário implementar novas estratégias e novas dinâmicas para manter estes comportamentos e atitudes empáticos em ambiente educacional, sobretudo em situações de maior adversidade.

Palavras-chave: empatia; atividades neuroeducativas; professores de 1.º CEB; ensino à distância.

ABSTRACT

Empathy in teachers in neuroeducational activities during COVID-19 pandemic context.

Empathy is a multidimensional skill that includes cognitive, affective and behavioural components. The study of empathy with teachers is quite relevant, because this dimension of emotional competence is recognised as an emotional, cognitive and interactive strategy that allows for the recognition of other people's perceptions, favouring the pedagogical teacher-student relationship and may be a determinant of the quality of the teaching/learning process, particularly in circumstances of adversity. The objective of the present study was to understand how empathy worked in the relationship between Portuguese primary school teachers during neuroeducational activities, along the first confinement imposed by the COVID-19 pandemic. For this research, a qualitative methodological approach was used and, as a data collection technique, a focus group was conducted with a convenience sample of six primary school teachers in the northern region of Portugal. The discussion was recorded and transcribed with the participants' informed consent. Subsequently, a content analysis of the data collected was performed. The response category that emerged was empathy.

The teachers involved in the neuroeducational activities in the context of confinement by COVID-19 demonstrated that their behaviours and attitudes became more empathic in the distance learning period. It is concluded that it is necessary to implement new strategies and new dynamics to maintain these empathic behaviours and attitudes in educational settings, especially in situations of greater adversity.

Keywords: empathy; neuroeducational activities; primary school teachers; distance learning

INTRODUÇÃO

Atualmente vive-se num mundo em que a qualquer momento surgem relações conflituosas motivadas por estímulos diversos (Oliveira & Silva, 2018). “A empatia, entendida como um constructo multidimensional, incluindo os domínios cognitivo, afetivo e comportamental, tem sido considerada por vários profissionais como uma característica essencial no processo de ensino-aprendizagem, podendo ser compreendida como um apoio para as relações interpessoais (Pontes, 2013) e, no caso concreto deste trabalho, entre professores envolvidos nas atividades neuroeducativas.

O estudo da empatia em professores é pertinente, porque se reconhece a esta dimensão da Competência Emocional o seu estatuto de estratégia emocional, cognitiva e interativa no reconhecimento das percepções do outro, o que favorece a relação pedagógica.

A Importância da Empatia em Contexto Educativo

A empatia é a compaixão que se sente pelo outro, aceitando-o tal como é, sem julgamentos. A pessoa empática é receptiva e amável para com os outros, sendo os seus comportamentos prova disso (Scheffer, Taborda & Wagner, 2017).

Para Scheffer e colegas (2017), a empatia é fundamental em todas as situações profissionais, especialmente em ambiente educacional, mas também é um elemento essencial para o desenvolvimento de competências interpessoais, contribuindo para uma melhoria na qualidade das relações humanas.

Deste modo, considera-se que a empatia é um fator de ajuda para a resolução de questões emocionais e comportamentais nos professores, sendo ainda uma capacidade inata que simplifica as vivências em sociedade, fazendo, assim, todo o sentido que esta competência emocional seja muito útil nas interações humanas (Barbosa, 2012).

A empatia surge em “(...) situações em que o sujeito tem um estado emocional semelhante ao outro como resultado da situação percebida nele” (Scheffer, et. all., 2017, p. 74) e ocorre, porque a atividade docente requer também um envolvimento pessoal, fazendo com que os professores fiquem mais sujeitos a situações de pressão e até mesmo a problemas de saúde (Scheffer, et. all., 2017).

Nicodem (2018) afirma que “a educação se quiser ser um espaço de aprendizagens significativas” (p. 5) não poderá deixar de dar atenção a valores, princípios e processo específicos. A forma agitada como se vive hoje,

assim como as suas diversas exigências são fatores consideráveis no modo de compreender o outro. Empatia não é só colocar-se no lugar do outro, mas sim saber escutá-lo e construir uma relação com ele, no sentido de o entender, compreender, apoiar, ajudar e motivar, sucessivamente. Por isso, é importante que seja construído um ambiente educativo de conveniência para que a comunidade educativa em geral possa interagir de modo salutar (Nicodem, 2018).

Em suma, a empatia é uma das ferramentas da inteligência emocional fundamental para o exercício da autoconsciência e do autoconhecimento. Nesta lógica, ser uma pessoa empática significa que o sujeito possui uma boa capacidade de entender melhor os seus próprios sentimentos, por conseguinte tem uma compreensão mais abrangente do mundo que o rodeia e, para além disso, a empatia pode juntar pessoas, disseminar preconceitos e atenuar conflitos.

Ensino-Aprendizagem à Distância em Contexto de Pandemia

Perante o contexto de pandemia e a necessidade de permanecer em confinamento, o trabalho dos professores passou para o regime de ensino à distância. Num mundo, cada vez mais, global, com o uso de recursos tecnológicos mais eficientes, assim como a necessidade de adaptação constante às mudanças produzidas na educação, o ensino à distância é aceite e tem sido largamente implementada como uma estratégia educacional e governamental para o processo de ensino/aprendizagem. O ensino à distância apresenta particularidades singulares, ultrapassando a conceção outrora estabelecida no processo de ensino/aprendizagem, evidenciando que o professor não é mais considerado uma das figuras primordiais neste processo, bem como a aprendizagem não tem necessariamente de ser numa sala de aula (Silva & Silva, 2018)

No ensino à distância existem algumas dificuldades e particularidades que não podem ser esquecidas, devido à sua especificidade e complexidade. Por isso, na maioria países ocidentais, foram criadas políticas públicas educacionais, que definem posições mais preventivas sobre esta matéria, apostando em programas de educação à distância, implementando limites, medidas e regras para os utilizadores (Nóvoa, 2003, citado por Silva & Silva, 2018).

A educação à distância, como forma de transmissão de informação, conhecimento e aprendizagem, tornou a educação tradicional mais acessível a todos, mesmo àqueles, cuja distância era um fator de impedimento para as aprendizagens. A integração das novas tecnologias em conexão com o recurso da utilização da internet facultou a possibilidade de aumentar o acesso à educação (Almeida, 2003).

No contexto de pandemia, o ensino à distância foi a forma de assegurar as atividades educativas, exigindo competências adicionais aos professores, mas também fazendo emergir a colaboração e interagida entre profissionais e entre estes e os seus alunos, de modo a ultrapassar dificuldades.

Atividades Neuroeducativas

A neurociência explica que cada uma das regiões do córtex cerebral (Lobo Frontal, Lobo Temporal, Lobo Parietal e Lobo Occipital) é estimulada por atividades e exercícios pedagógicos, sendo cada uma das regiões especializada e responsável por determinadas funções (Klippel, Reis & Bueno, 2019). Isto permite-nos compreender o funcionamento, potencialidades e limitações do sistema nervoso, contribuindo positivamente para o desenvolvimento de estratégias educacionais em contexto educativo, facultando aos profissionais de educação uma boa ferramenta no ensino-aprendizagem (Klippel, et. al., 2019; Fonseca, 2014).

No processo ensino-aprendizagem existem as funções conativas, funções executivas e funções cognitivas, que nos ajudam a compreender melhor o funcionamento do cérebro humano (Fonseca, 2014). Nesse processo são envolvidas diversas ferramentas mentais como atenção, percepção, processamento, memória (de curto, de longo prazo e de trabalho) raciocínio, visualização, planificação, resolução de problemas, bem como execução e expressão de informação (Fonseca, 2014; Tokuhama-Espinosa, 2008).

As crianças aprendem melhor quando são motivadas, estimuladas, compreendidas, respeitadas nas suas diferenças e no tempo e formas de aprendizagem, sem esquecer que cada cérebro é único, possui plasticidade

cerebral, é complexo, dinâmico e vai-se modificando através das experiências diárias. Acrescenta-se ainda que os estados de stress e ansiedade, o tom de voz agressivo, os julgamentos, a ausência de descanso (sono) e nutrição adequada são fatores limitadores que dificultam a aprendizagem (Tokuhamo-Espinosa, 2008).

Numa aprendizagem neuroeducativa deve ser proporcionado às crianças um ambiente calmo, tranquilo, único e com conteúdos diversificados, facultando-lhes aquisição de conhecimento e desenvolvimento de competências cognitivas essenciais no âmbito académico, social, pessoal.

O trabalho que agora se apresenta consiste num estudo que foi realizado em período de primeiro confinamento por COVID-19, no ano de 2020, num agrupamento de escolas do distrito Porto, no norte de Portugal, em professores das atividades neuroeducativas, enquadradas nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC).

QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO

Para efeitos deste trabalho propusemos a seguinte questão de investigação:

Como é que os professores das atividades neuroeducativas percebem empatia e como esta funcionou na relação entre eles em contexto COVID-19?

OBJETIVO

O objetivo geral do trabalho consistiu em conhecer a perceção dos professores de 1.º CEB envolvidos nas atividades neuroeducativas sobre empatia e como a mesma competência emocional funcionou na relação entre eles em contexto de confinamento por COVID-19.

AMOSTRA E PARTICIPANTES

A amostra deste estudo, de tipologia "amostra não aleatória, por conveniência" (Figueiredo & Figueiredo, s/d) foi constituída por seis professores de 1.º CEB, os quais colaboravam com a primeira investigadora nas atividades neuroeducativas, num agrupamento de escolas do distrito do Porto, entre fevereiro e junho de 2020.

Os critérios de inclusão foram: 1) ser professores das atividades neuroeducativas; 2) trabalhar naquele agrupamento de escolas; e 3) estar pessoalmente motivado para participar neste estudo.

METODOLOGIA

Para esta investigação foi realizada uma abordagem metodológica de carácter qualitativo e como técnica de recolha de dados foi realizado um *focus group* por videoconferência com professores de 1.º CEB. O *Focus group*, também indicado como sendo um grupo de discussão, trata-se de uma técnica de investigação que visa a recolha de dados, podendo ser empregue em circunstâncias distintas do processo de investigação em que o seu contributo deve ter em linha de conta que os intervenientes têm de possuir algo em comum e pertinente em relação à temática em debate (Silva, Veloso & Keating, 2014).

Como roteiro de orientação do focus group definiram-se as seguintes questões:

O que entende por Empatia?

Considera ser uma pessoa empática?

Na sua opinião a situação de pandemia modificou essa característica/competência? Porquê?

Sentiu que o ensino à distância promoveu ou dificultou a relação de empatia? Quais?

O período de recolha de dados decorreu de 16 a 30 de junho de 2020. Os dados foram gravados e transcritos com o consentimento informado dos participantes. Posteriormente procedeu-se à análise de conteúdo dos dados recolhidos, seguindo as etapas recomendadas (Bardin, 2011; Coutinho, 2011). As categorias de resposta que emergiram foram: Empatia; Comportamentos; Estratégias; Atividades Neuroeducativas.

Para a realização da análise conteúdo, as categorias e subcategorias foram definidas a priori, com base nas questões e objetivo do estudo. Considerou-se empatia a grande categoria de análise (1), a partir da qual surgiram as seguintes subcategorias: 1.1. definição, 1.2. ser empático, 1.3. contexto de pandemia, 1.4. características de pessoa empática e 1.5. ensino à distância.

RESULTADOS

Com base no quadro 1 constata-se que os professores das atividades neuroeducativas definiram empatia como sendo a capacidade que o ser humano possui de se colocar no lugar do outro, compreendê-lo e aceitar as suas ideias. É entendida como intrínseca e inata, embora seja também algo que pode ser trabalhado e adquirido, através das interações sociais, nas relações com os outros. Trata-se de uma competência, mas também de um valor que pode ser treinado, através de formação e ajuda de outros. Os professores referiram ainda que uma pessoa empática é alguém que partilha da mesma opinião, gosta das mesmas coisas e, nesta lógica, a empatia surge naturalmente. Empatia é ainda a primeira impressão que temos de alguém quando a conhecemos, tratando-se, assim, de uma relação de dar e receber.

Todos se consideraram empáticos, embora uns mais que os outros, apesar de considerarem que com as crianças conseguem ser mais empáticos, uma vez que entre colegas podem existir alguns entraves, tendo em conta o perfil de cada um e o modo como se relacionam no grupo.

Os professores referiram também que quando surgem situações mais desagradáveis, a tendência é de manifestarem mais simpatia pelos outros, no sentido de serem mais tolerantes perante o outro e ouvindo-o mais. Assim sendo, o grupo em contexto de pandemia, tornou-se mais empático, embora existam alguns elementos que mantêm uma relação de maior proximidade, por se conhecerem há mais tempo. O contexto pandémico permitiu um aumento de empatia no próprio grupo, com os alunos, professores titulares, com a direção e mesmo com os pais dos alunos, comparativamente ao início do ano letivo. Porém, e, contrariamente, em contexto familiar as relações tornaram-se stressantes, nomeadamente com os seus filhos.

Em relação, às características principais da empatia no sujeito, mencionaram que consiste em ter abertura, disponibilidade e sensibilidade, bem como ter a capacidade de perceber e entender o outro e ainda a capacidade e flexibilidade de se colocar no lugar do outro.

Quanto ao ensino à distância em período de confinamento os professores foram de opinião que, esta modalidade de ensino, permitiu que o grupo convivesse mais e se conhecesse melhor ainda, através das plataformas disponíveis. Mencionaram que permitiu também que as situações de risco e de conflito aumentassem a preocupação com o outro, por haver situações de desigualdade de acesso, possibilitando deste modo que se preocupassem com os alunos, por estes não terem recursos e condições, assim como também por não terem apoio dos pais e por não terem hábitos de estudo, suscitando desigualdades e injustiças sociais.

Segundo o grupo este período de confinamento serviu também para que as famílias passassem mais tempo juntas, foi-lhes benéfico para conhecer os pais e outros familiares dos alunos, o que de outro modo não aconteceria, fazendo com que os mesmos tivessem mais reconhecimento e respeito pelo trabalho do professor. Este período serviu ainda para que houvesse mais diálogo no grupo, bem como mais partilha de ideias e sugestões, que os professores conhecessem melhor os seus alunos, mesmo os mais tímidos, uma vez que, em casa os alunos geralmente sentiam-se mais descontraídos e mais seguros. Por isso, abriam-se, comunicavam, soltavam-se e participavam mais.

Por outro lado, o ensino à distância em período de confinamento não permitiu, e dificultou mesmo, a proximidade e o contacto presencial com os alunos e com os colegas, as interações de proximidade, a ajuda e o apoio, que muitos alunos necessitavam para avançar na tarefa, atividade ou exercício, bem como a aquisição de conhecimento no processo ensino-aprendizagem presencial, a interação com alguns alunos em situações pontuais, que em aulas presenciais mostravam ser mais expressivos e participativos e neste novo modelo apresentaram algumas dificuldades nas suas interações e relações. Num caso específico, de uma aluna em que a avó sugeriu que desligasse a câmara e fosse almoçar, consideraram que foi uma situação de constrangimento e mesmo de falta de respeito para com o professor e restantes colegas de turma. Por último, entenderam que esta situação serviu ainda para provocar um aumento significativo de stress em todos, por se encontrarem fechados entre quatro paredes durante um longo período.

A EMPATIA EM PROFESSORES NAS ATIVIDADES NEUROEDUCATIVAS EM CONTEXTO DE PANDEMIA COVID-19

Quadro 1.
Apresentação de um Ensaio para Árvore Categorical da Categoria Empatia (Fonte: Autoras)

Categoria	Subcategorias	Observações
Empatia	1.1. Definição	<p><u>Empatia é:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> — Capacidade de nos colocarmos no lugar do outro; — inata; uma competência; um valor; algo que aprendemos nas interações sociais; — algo que vamos adquirindo ao longo da nossa existência; a capacidade de compreender e aceitar, ou não, as ideias do outro; um valor que pode ser treinado, através de formação e a ajuda de outros; — uma pessoa empática é alguém que partilha da mesma opinião, gosta das mesmas coisas e, então, como tal a empatia surge de forma natural; a primeira impressão que temos de alguém quando a conhecemos; uma relação de dar e receber.
	1.2. Ser empático	<ul style="list-style-type: none"> — Todos se consideram empáticos, embora uns mais que os outros; — Com as crianças conseguem ser mais empáticos, por vezes entre colegas existem alguns entraves, tendo em conta o perfil de cada um.
	1.3. Contexto de pandemia	<ul style="list-style-type: none"> — Em situações mais desagradáveis obriga-nos a ter mais simpatia pelos outros; — A capacidade de saber ouvir e ter mais tolerância em relação ao outro; — O grupo de ALA em contexto de pandemia, tornou-se mais empático, embora uns elementos se relacionem mais que outros; — O contexto pandémico permitiu um aumento de empatia no grupo de ALA, com os alunos, professores titulares, com a direção e mesmo com os pais, comparativamente ao início do ano letivo. — Em contexto familiar as relações tornaram-se stressantes, nomeadamente com os filhos.
	1.4. Perfil de pessoa empática	<p>As características principais da empatia são:</p> <ul style="list-style-type: none"> — Ter abertura, disponibilidade e sensibilidade; — Ter capacidade de perceber e entender o outro; — Ter capacidade e flexibilidade de se colocar no lugar do outro.

	<p>1.5. Ensino à distância e empatia</p>	<p>O ensino à distância em período de confinamento permitiu:</p> <ul style="list-style-type: none"> — que o grupo convivesse mais e se conhecesse melhor ainda, através das plataformas disponíveis que o mesmo disponha; — que situações de risco e de conflito aumentassem também a preocupação com o outro, uma vez que criam situações de desigualdade; — que se preocupassem com os alunos por não terem recursos e condições, bem como por falta de apoio dos pais e de hábitos de estudo, criando desigualdades e injustiças sociais; — que em período de confinamento houve um aumento significativo de stress; — que os elementos da família estivessem mais tempo juntos; — que conhecer os pais e outros familiares dos alunos; — que houvesse mais reconhecimento e respeito pelo trabalho do professor; — que houvesse mais diálogo entre grupo, bem como mais partilha de ideias e sugestões; — que os professores conhecessem melhor os seus alunos, mesmo os mais tímidos; — que em casa os alunos estivessem mais descontraídos e se sentissem mais seguros, por isso abriam-se, comunicavam, soltavam-se e participavam mais; — a promoção da empatia. <p>Por outro lado, o ensino à distância em período de confinamento não permitiu e dificultou:</p> <ul style="list-style-type: none"> — a proximidade e o contacto presencial com os alunos e colegas; — as interações de proximidade; — a ajuda e apoio que muitos alunos necessitam para avançar na tarefa, atividade ou exercício; — a aquisição de conhecimento no ensino-aprendizagem presencial; — a interação com alguns casos pontuais, com alguns alunos, que em aulas presenciais mostravam ser mais expressivos e participativos e neste novo modelo apresentaram algumas dificuldades nas suas interação e relações. <p>Num caso específico de uma aluna em que a avó sugeriu que desligasse a câmara e fosse almoçar, foi uma situação de constrangimento e mesmo de falta de respeito para com o professor e restantes colegas de turma.</p>
--	--	--

DISCUSSÃO

Através da análise dos resultados obtidos nesta investigação, comentaremos as dimensões aferidas anteriormente, nomeadamente no que respeita, à importância da empatia em professores.

A empatia é essencial para o desenvolvimento de competências interpessoais, contribuindo para uma melhoria na qualidade das relações humanas, considerando que é um fator de ajuda para a resolução de questões emocionais e comportamentais nos professores, bem como uma capacidade inata que simplifica as vivências em sociedade e faz com que esta competência emocional seja muito útil nas interações humanas (Barbosa, 2012).

Por isso é importante que seja construído um ambiente educativo de conveniência para que a comunidade educativa em geral possa interagir de modo salutar (Nicodem, 2018).

Para os professores das atividades neuroeducativas a empatia é entendida como a capacidade que o ser humano possui de se colocar no lugar do outro, compreendê-lo e aceitar as suas ideias, tratando-se de uma competência e, ao mesmo tempo, de um valor que é intrínseco e inato, podendo, no entanto, também ser trabalhado e adquirido, através das interações sociais, nas relações com os outros. Para além disso, uma pessoa empática é, ainda, alguém que partilha da mesma opinião, gosta das mesmas coisas. Sem esquecer que a empatia é a primeira impressão que se tem de alguém no primeiro contacto, assim como também consideraram ser uma relação de dar e receber. Isto porque, de acordo com Krznaric, (2015), empatia funciona como uma resposta afetiva bem mais abrangente, no que respeita à compreensão pelos gostos e desejos do outro.

Todos se consideraram empáticos, embora uns mais que os outros, conseguindo ser mais empáticos ainda com as crianças, uma vez que entre colgas, tendo em linha de conta o perfil de cada um, surgem algumas dificuldades. Todavia, quando sucedem situações mais desagradáveis a tendência é de espírito de entreajuda e de se manifestarem mais empáticos. Assim, trata-se de uma competência que possui a arte de comunicar e compreender o outro de forma otimizada e saudável (Barbosa, 2012). É de salientar que em contexto de pandemia o grupo tornou-se mais empático, o que permitiu o aumento de empatia no grupo, assim como também com a comunidade educativa em geral. Contrariamente, em contexto intrafamiliar as relações destes docentes tornaram-se stressantes, nomeadamente com os filhos. Uma explicação para esta questão poderá estar relacionada com as suas experiências e vivências pessoais e profissionais, quer em contexto de pandemia, quer em contexto educacional, quer mesmo em contexto familiar e social. Isto porque a atividade docente requer um envolvimento pessoal, fazendo com que os professores fiquem mais sujeitos a situações de pressão e até mesmo a problemas de saúde (Scheffer, et. al., 2017).

Atualmente, no processo de ensino-aprendizagem à distância, é cada vez mais, usual utilizar meios tecnológicos mais eficientes e adaptar-se às sucessivas mudanças que vão surgindo (Silva & Silva, 2018). Os professores como principais autores num cenário em constante mudança, defrontam-se com desafios diversos no seu dia-a-dia, deixando-os desgastados emocionalmente (Rodrigues & Duarte, 2014). Nos últimos tempos, foi preciso estabelecer algumas medidas de carácter excecional e temporárias no campo da educação, tendo em conta a situação da pandémico por COVID-19 que atravessamos. Por isso, foram decretadas medidas específicas, “entre as quais a suspensão das atividades letivas e não letivas presenciais” (PORTUGAL, 2020).

Assim, e perante os resultados, os docentes desta amostra afiançaram que o ensino à distância, em período de confinamento, permitiu ao grupo uma convivência e um conhecimento maior de cada um, através das plataformas de que o grupo dispunha. Possibilitou, também, que as situações de risco e de conflito aumentassem a preocupação com o outro, visto que criam situações de desigualdade nos alunos, por estes não terem recursos e condições, assim como também por não terem apoio dos pais e por não terem hábitos de estudo, suscitando desigualdades e injustiças sociais. Ser professor hoje requer alguma habilidade para contornar e ultrapassar desafios (Rodrigues & Duarte, 2014). Os professores disseram ainda que este período serviu, para que houvesse mais diálogo no grupo, mais partilha de ideias e sugestões, um melhor conhecimento dos seus alunos, mesmo os mais tímidos, uma vez que, em casa sentiam-se mais descontraídos e mais seguros. Por isso, abriam-se, comunicavam, soltavam-se e participavam mais, facultando a promoção da empatia. Segundo Hilário, (2012) “Gerir os relacionamentos em grupos, é uma aptidão social que consiste em saber fazer bem a leitura das situações de um grupo” (p. 9).

Por outro lado, o ensino à distância dificultou o contacto presencial em geral, mais concretamente com os alunos, que por vezes necessitavam de apoio e ajuda para avançar na tarefa, atividade ou exercício. Assim como também, dificultou a aquisição do conhecimento, interação e relação, que as aulas presenciais propiciavam em contexto educativo, bem como facilitou um aumento significativo de stress em todos, por se encontrarem fechados entre quatro paredes durante um longo período de tempo.

A partir dos resultados acrescenta-se ainda que os docentes continuam a preferir lecionar as atividades neuroeducativas presencialmente.

CONCLUSÃO

Concluímos que os professores das atividades neuroeducativas demonstraram que os seus comportamentos se tornaram mais empáticos no período de ensino à distância. E a Empatia em Professores nas atividades neuroeducativas em Contexto COVID-19 foi claramente mais evidente, fortificando ainda mais a união do grupo. Os docentes aproveitaram o período de confinamento para: comunicarem mais; partilharem ideias; ouvir e entender o outro; assim como ajudarem o outro. Embora, todos revelassem que preferem lecionar presencialmente.

Por fim, entende-se que para manter estes comportamentos empáticos em ambiente educacional é necessário implementar novas estratégias e novas dinâmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, M. (2003). Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*, v.29, n.2, p. 327-340. <https://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>.
- Barbosa, A. (2012). A Relação e a Comunicação Interpessoal entre o Supervisor Pedagógico e o Aluno Estagiário. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2472>.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática. 2.ª edição-reimpressão*. Coimbra: Almedina, p. 421.
- PORTUGAL. (2020). Decreto-Lei n.º 14-G/2020, de 13 de abril. Estabelece as medidas excecionais e temporárias na área da educação, no âmbito da pandemia da doença COVID-19. <https://dre.pt/home/-/dre/131393158/details/maximized>.
- Figueiredo, A. & Figueiredo, F. (s/d). Teoria da Amostragem – Apointamentos Teóricos e Exercícios – Complementos de Estatística – PDMA. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/103088/2/185448.pdf>.
- Fonseca V. (2014). Papel das Funções Cognitivas, Conativas, ou Emocionais, e Executivas da Aprendizagem: Uma Abordagem Neuropsicopedagógica. *Psicopedagogia*, 31(96): 236-53. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v31n96/02.pdf>.
- Hilário, A. (2012). Práticas de Educação Emocional no 1.º Ciclo do Ensino Básico. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/3991>.
- Klippel M. Reis H. & Bueno L. (2019). Atividades pedagógicas neuroeducacionais: eletroencefalografia na educação de jovens e adultos no Instituto Federal do Espírito Santo – Brasil. *Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais/Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales* v. 3. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/issue/view/29>.
- Krznaric, R. (2015). O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar. https://zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/Trecho_OPoderdaempatia.pdf.
- Nicodem, E. (2018). Empatia na Educação: aprendizagens significativas. In *Integração*. Rede la Salle ano XLVI, Nº 120. ISSN 1982-3991. Brasil <https://lasalle.edu.br/public/uploads/publications/institucional/30afebda532dfc84ee5e0cf3807943a6.pdf>.
- Oliveira, A. & Silva, S. (2018). Intervenções pedagógicas do professor em relação a conflitos percebidos entre os alunos durante as aulas de educação física. <https://www.scielo.br/pdf/jpe/v29/2448-2455-jpe-29-e2950.pdf>.
- Pontes, L. (2013). A EMPATIA NO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER – um estudo com professores do curso de graduação em enfermagem de uma Universidade Pública. <https://ibhe.com.br/wp-content/uploads/2020/05/estudo-a-empatia-no-processo-de-aprender-e-ensinar.pdf>.

- Rodrigues, S. & Duarte, R. (2014). Ser professor em tempos de crise de identidade e mal-estar docente: as autor-representações de professores de uma escola pública de garanhuns, PE – Brasil. <https://recil.ensinolufofona.pt/handle/10437/6186>.
- Scheffer, M. Taborda, P. & Wagner (2017). O Papel da Empatia no Desempenho Profissional dos Professores. <https://www.researchgate.net/publication/332720404>.
- Silva, W., & Silva, E. (2018). O papel do docente na educação à distância: perspectivas para o novo profissional: The teacher's role in distance learning: perspectives for the new professional. *E3 - Revista De Economia, Empresas E Empreendedores Na CPLP*, 2(1), 62-75. <https://doi.org/10.29073/e3.v2i1.21>.
- Silva, I. Veloso & A. Keating, J. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. In *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175-190. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/32357>.
- Tokuhama-Espinosa, T. (2008). The scientifically substantiated art of teaching: a study in the development of standards in the new academic field of neuroeducation (mind, brain, and education science). Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Capella University, Mineápolis, Minesota. <https://www.proquest.com/docview/250881375>.